



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**DAIANE MENEZES RODRIGUES
(BAGÉ) II**

(depoimento)

2015

**CEME-ESEF-UFRGS
MUSEU DO FUTEBOL**

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias: Visibilidade para o Futebol Feminino

Número da entrevista: E-597

Entrevistada: Daiane Menezes Rodrigues (Bagé)

Local da entrevista: Museu do Futebol – São Paulo

Entrevistadora: Luciane Castro

Data da entrevista: 25/04/2015

Transcrição: Suellen dos Santos Ramos

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner e Suellen dos Santos Ramos

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora e 12 minutos.

Páginas Digitadas: 30 páginas.

Observações:

A entrevista foi realizada durante a segunda edição do Ciclo de Debates vinculado ao projeto *Visibilidade para o Futebol Feminino* desenvolvido pelo Museu do Futebol em parceria com a Epson, a Getty Images Brasil, a Rádio Central 3, o Coletivo Guerreiras Project e o Centro de Memória e Esporte. O Ciclo de Debates conta com a organização de Juliana Cabral, Lu Castro e René Simões.

Integra o *Programa Futebol e Mulheres*, desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO). Cedida para publicação no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte em maio de 2015.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no futebol; Influência da família; Equipes e competições que participou; Atuação em clubes; Carreira no São José dos Campos Futebol Clube; Atuação na Seleção Brasileira; Lesão no joelho; Retorno aos gramados; Participação na Copa no Mundo e nos Jogos Pan-americanos; Participação nos Jogos Olímpicos; Participação no Campeonato Mundial de clubes; Futebol e mulheres no Brasil.



São Paulo, 25 de abril de 2015. Entrevista com Daiane Menezes Rodrigues a cargo da jornalista Lu Castro para o Projeto Visibilidade para o Futebol Feminino.

Daiane Bagé: No Rio Grande do Sul, lá o futebol feminino tem muita dificuldade, muita mesmo, se aqui onde é mais estruturado já tem dificuldade vocês imaginem numa cidade pequenininha, onde praticamente não se pratica o futebol feminino e tem muito preconceito, principalmente antigamente. Eu já sou mais experiente, na época lá,... Eu praticamente comecei a jogar bola na escola, eu acho que isso como estava falando anteriormente, isso é muito importante, então, eu jogava futebol, jogava vôlei, jogava handebol, o esporte graças a Deus, me deu toda essa estrutura Lu, que eu acho que é uma coisa muito importante para o futebol feminino do Brasil, e que hoje realmente está se perdendo, o esporte na escola. Comecei na escola, graças a Deus, tive sempre o incentivo dos meus pais ao contrário de muitas meninas que jogam futebol que começam hoje em dia, lógico que hoje evoluiu mais, mas antigamente tinham muitos preconceitos, pais não deixarem a menina jogar futebol.

Lu Castro: Como que era na sua casa essa questão?

Daiane Bagé: Meu pai jogava futebol, então, todo o final de semana que ele ia jogar bola, ele acabava levando eu e meu irmão junto, só que meu irmão não deu muito certo [risos]. Toda vez que meu pai ia jogar eu acabava indo com ele, ficava lá com os meninos jogando na rua, jogando no campo, eu tenho certeza que isso me ajudou muito. Sempre tive o incentivo da minha mãe, embora a gente sempre tivesse muita dificuldade financeiramente, mas em contra partida minha mãe e meu pai sempre deixaram para eu escolher o que seria melhor para mim e graças a Deus eu escolhi o esporte. O esporte me proporcionou muitas coisas boas. Não tinha muita estrutura financeira, mas o esporte foi me proporcionando coisas boas: poder viajar, poder conviver com muitas pessoas. Eu acho que isso são coisas muitas importantes. Me proporcionou uma faculdade. O esporte me proporcionou isso porque financeiramente eu não iria ter condições de bancar, nem minha mãe ou meu pai, e



o futebol me proporcionou estar realizando o grande sonho, principalmente da minha mãe, que era ter um filho ou uma filha formada.

Lu Castro: Qual o primeiro clube pelo qual você atuou?

Daiane Bagé: Na verdade eu comecei lá em Bagé¹, que eu estava te falando ali fora, eu acho que antigamente tinham pessoas que realmente gostavam muito mais do futebol feminino; hoje acho que tem muito pessoas que trabalham com o futebol feminino mas não levam tão a sério quanto deveriam levar e, antigamente, existiam pessoas, existem pessoas que realmente queriam o bem do futebol feminino, que estavam fazendo realmente por amor, então, eu comecei a jogar lá atrás, eu acho que isso são coisas muito importantes.

Lu Castro: E o clube? O primeiro clube?

Daiane Bagé: O primeiro clube que eu joguei lá em Bagé foi a Associação Atlética Celeste, depois rapidamente passei para o Brasil de Pelotas, em Pelotas.

Lu Castro: Esse primeiro clube, ele era feminino, ou jogava misto, era salão, era campo?

Daiane Bagé: Não, era um clube de futsal, um clube de salão e depois, nesse ano que eu acabei tendo as oportunidades. Foi o primeiro ano que ele abriu campo, e aí foi onde fizemos um jogo amistoso contra o Brasil de Pelotas e o Brasil de Pelotas acabou pegando cinco jogadoras para jogar o Campeonato Gaúcho, que foi a primeira vez que eu acabei saindo de Bagé para jogar futebol.

Lu Castro: Qual que era sua idade?

Daiane Bagé: Lu, eu não comecei nova como hoje as meninas começam aqui porque já tem uma estrutura boa, comecei já com quatorze, quinze anos.

¹ Município do estado do Rio Grande do Sul.



Lu Castro: E como zagueira?

Daiane Bagé: Não. Eu era volante, não era zagueira não [riso]. Eu tive um pouco de dificuldade por causa disso. Olha a altura da Pelê² [riso], a Pelê é gigante. Eu para zagueira tenho uma estrutura baixa, então, como eu vim adaptada da posição de volante, eu tinha algumas características fortes que era a velocidade, a força, isso acabou me ajudando bastante a atuar como zagueira. Mas eu não era zagueira, acabei fazendo a função porque uma zagueira, na época no Grêmio³, quando eu já estava no Grêmio, acabou se machucando e eles não tinha outra zagueira para jogar, eles acabaram me improvisando, e eu, graças a Deus, nunca mais sai da posição.

Lu Castro: E no Grêmio foi que ano? E você falando em Grêmio feminino, a gente tem quase nada de clube representativo do Rio Grande do Sul, quando a gente olha para Copa do Brasil ou mesmo o Brasileiro⁴. Quando você passou pelo Grêmio, que ano foi, se tínhamos Grenal⁵ nessa época e qual que era, mais ou menos, a estrutura ali de clubes, mais ou menos?

Daiane Bagé: Logo depois que eu fui para o Brasil de Pelotas, foi a primeira competição que eu joguei, a gente fala profissional, mas primeira competição valendo alguma coisa. Nessa mesma competição o Grêmio acabou me chamado, por isso que eu falo que a minha carreira foi muito rápida, logo que eu apareci, eu já fui convidada para jogar nas equipes. Então eu disputei esse Campeonato Gaúcho em 1999, e em 2000 o Grêmio acabou me chamando, que era o ano seguinte. Eu fui para o Grêmio, mas não me adaptei, porque eu não tinha experiência de sair de casa, sempre estava junto com a minha mãe, com o meu pai. A menininha do interior que não saia muito. Então eu acabei voltando para casa, desisti mesmo, falei: “Não é isso que eu quero para mim”. Eu tenho muita saudade da

² Aline Pellegrino.

³ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

⁴ Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino.

⁵ Jogo clássico de futebol entre as equipes de Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional.



minha família e tudo mais, e voltei para casa. Mas esse ano foi um ano horroroso para mim, horrível, porque eu pensava assim: “Meu Deus, a melhor oportunidade ou a oportunidade que qualquer atleta espera eu acabei desperdiçando”. Mas Deus, mais uma vez... No final do ano eu joguei mais uma vez o Campeonato Gaúcho pelo Brasil de Pelotas e o Grêmio voltou a me procurar e foi onde eu realmente acertei. Joguei 2001 no Grêmio. Foi minha primeira estreia pelo Grêmio. O Grêmio tinha uma estrutura muito boa para o futebol feminino. Em 2002, foi a época que depois algumas meninas da seleção: Maranhão⁶, Daniela Alves, Maycon⁷, acabaram indo para o Grêmio um ano depois que eu já estava lá. O Grêmio realmente tinha uma estrutura boa. O Inter⁸ também tinha, através da Duda, que hoje é uma mulher que levanta a bandeira do futebol feminino lá no Rio Grande do Sul, com muita dificuldade. Mas o futebol feminino no Rio Grande do Sul é muito complicado, ele é muito mais difícil do que aqui. Aqui ainda todo mundo procura se estruturar, se ajudar, e lá eles realmente acabam deixando um pouco o futebol feminino de lado. Existem as equipes, existem os clubes lá, mas é com muita dificuldade, é realmente quem batalha pelo futebol feminino são as equipes que lutam lá. Hoje eu conheço o Onze Unidos, que foi o que participou da Copa do Brasil, que através de uma grande amiga minha, a Karina⁹, que batalhou muito para montar essa equipe para a Copa do Brasil. Mas você vê as meninas pedindo doação para poder viajar para Araraquara para jogar a Copa do Brasil, então, são coisas muito complicadas.

Lu Castro: E só uma observação, quando eu estive no sul, você observa muito a participação das mulheres nas torcidas de Grêmio e Inter, o Grenal lá pega. E muita mulher participando, envolvida com o futebol, mas nesse caso específico de torcida.

Daiane Bagé: Muitos talentos desperdiçados, eu falo porque eu venho de lá, várias jogadoras que na época começaram comigo, muito talentosas, que acabaram se perdendo no meio do caminho por falta de oportunidades, a oportunidade que eu tive muitas delas

⁶ Tânia Maria Pereira Ribeiro ou Tânia Maranhão.

⁷ Andreia dos Santos.

⁸ Sport Clube internacional.

⁹ Karina Balestra da Luz.



não tiveram, então acabaram ficando no meio do caminho. Hoje mesmo eu falo que se procurarem jogadoras no Rio Grande do Sul vão achar muitas e muitas jogadoras talentosas, mas hoje não existe esse trabalho de olheiro, sei lá.

Lu Castro: Podia dizer de captação.

Daiane Bagé: Isso, captação de atletas. Se você for lá no Rio Grande do Sul, lá na Bahia, para outras regiões mais afastadas, você vai encontrar atletas muito boas, atletas muito talentosas que seria somente lapidar elas na maneira que se deve fazer no futebol feminino, mas ainda temos muita dificuldade com isso.

Lu Castro: E depois do Grêmio, qual o próximo clube?

Daiane Bagé: Depois do Grêmio eu disputei minha primeira competição sub-19, na época, em 2002, e eu acabei sendo chamada pela primeira vez para a seleção de base, para a primeira seleção sub-19 que existiu.

Lu Castro: Que ano?

Daiane Bagé: 2002.

Lu Castro: 2002.

Daiane Bagé: Isso, em 2002 mesmo, a competição foi no início, foi em fevereiro, então, foi uma competição curta, se eu não me engano duas ou três semanas. Foi minha primeira convocação para a Seleção em que eu conheci várias amigas minhas, várias atletas e que a Cristiane¹⁰ acabou me convidando, porque ela jogava em São Bernardo. A Cris acabou sabendo que eu não estava mais querendo ficar no Grêmio e acabou me convidando para vir para São Paulo, para São Bernardo do Campo. Minha carreira, ela é muito rápida

¹⁰ Cristiane Rozeira de Souza Silva.



porque os clubes... Eu não passei por muitos clubes, mas nos clubes onde joguei sempre fiquei três, quatro, cinco anos. No Grêmio eu fiquei dois anos, depois quando eu vim para São Bernardo, já em 2002, 2003, finalzinho de 2002, eu vim para São Bernardo porque a Cris me convidou, ela falou com o treinador, e acabei vindo. Minha mãe não queria deixar de jeito nenhum, porque eu nunca tinha saído do Rio Grande do Sul, eu simplesmente falei: “Mãe, é o que eu quero, é o meu sonho”. Peguei a minha malinha, entrei no ônibus e vim para São Bernardo onde fiquei até 2005. Depois, em 2006 já, eu fui para Botucatu¹¹, onde eu fiquei até 2009...

Lu Castro: Me fala uma coisa, antes de você falar de Botucatu. Você sai de uma cidade, sai do sul, de uma cidade pequena e você vem para uma cidade grande, São Bernardo é grande ABC, região metropolitana, São Paulo, loucura, “doidice”. Como foi essa sua adaptação? Porque a gente sabe que tem a questão de você ficar longe de família e não é pertinho, não é uma coisa também que você vai pegar o ônibus, fazer uma hora e meia, duas horas de viagem, a gente sabe que...

Daiane Bagé: Trinta horas até Bagé [riso].

Lu Castro: Como que foi essa sua adaptação?

Daiane Bagé: Logo que eu cheguei em São Bernardo, graças a Deus, eu encontrei um grupo muito bom lá, então eu consegui me adaptar rápido. Havia meninas de coração aberto, elas realmente estavam sempre todo mundo junto, vamos nos ajudar realmente porque o futebol feminino precisa e necessita disso. Eu acho que a grande dificuldade que a gente encontra hoje, também na maioria dos clubes, é essa dificuldade entre as atletas, entre as atletas realmente se ajudarem, principalmente atletas mais novas que estão entrando, isso é uma coisa nossa mesmo, que nós que somos mais experientes, mais velhas, nós devemos isso para elas que são mais novas, e a gente encontra muita dificuldade com isso hoje. Logo que eu cheguei em São Bernardo, as atletas, graças a Deus, me acolheram

¹¹ Associação Botucatuense de Desporto.



muito bem, eu sempre me dei muito bem com todas elas, então não tive muita dificuldade de adaptação. Eu ia uma vez, eu só ia no final do ano para casa, porque como tinham as competições para disputar, as passagens na época eram muito caras também, hoje a gente tem um pouquinho mais de... Das passagens serem mais baratas e tudo mais, mas na época eram muito caras. Eu levava praticamente trinta horas de São Bernardo até Bagé, Rio Grande do Sul. Então eu ia, praticamente, uma vez no ano para casa. Mas eu falava com a minha mãe o tempo inteiro, não tive muita dificuldade de adaptação. Já consegui, graças a Deus, quando cheguei em São Bernardo, consegui conquistar alguns títulos importantes, que na época eram muitos Jogos Regionais, Jogos Abertos, não tinha muito... Paulista, se eu não me engano tinha um, não tinha Copa do Brasil, não tinha brasileirão porque já tinha acabado tudo.

Lu Castro: Copa do Brasil, 2007 a primeira. Consegue lembrar mais ou menos os títulos? Não precisa ser todos, mas...

Daiane Bagé: Eu ganhei, assim, em São Bernardo, praticamente todos os regionais que eu disputei, os três anos nós ganhos naquela região lá. Depois Jogos Abertos, acho que nós ganhamos um ou dois Jogos Abertos por lá também e Paulista nós chegamos na final do Paulista, acabamos perdendo nos pênaltis.

Lu Castro: Contra?

Daiane Bagé: Contra o Araraquara, na época que era muito forte.

Lu Castro: E aí do São Bernardo...

Daiane Bagé: De São Bernardo eu acabei sendo convidada para jogar no Botucatu. Também tive que fazer uma opção porque eu tinha uma amizade muito forte, eu sempre fui muito forte assim, relacionada à amizade, mas acabei fazendo a opção de ir para o



Botucatu e graças a Deus lá minha carreira realmente foi para frente. Cheguei lá em 2006 e fiquei até 2009, em 2007 acabei trabalhando, graças a Deus, com o Jairo¹². Conquistei praticamente todas as competições lá, teve um ano que nós ganhamos todas as competições, se eu não me engano foi o primeiro ano, 2006 mesmo. Todas as competições que tiveram nós ganhamos: Jogos Regionais, Jogos Abertos e Campeonato Paulista.

Lu Castro: Na Copa do Brasil 2007, estou tentando recordar aqui...

Daiane Bagé: 2007, se eu não me engano, foi SAAD¹³, nós perdemos.

Lu Castro: Na final?

Daiane Bagé: É na final. Botucatu tinha uma equipe muito forte, não tinha grandes estrelas, porque assim, hoje a gente se refere às equipes: “as equipes têm muitas jogadoras da seleção, são só craques de bola”. Com certeza, mas no meu ponto de vista, eu acho que as equipes não são formadas só de grandes estrelas, acho que se você tiver um grupo forte na tua mão, um grupo que você saiba trabalhar, eu acho que esse grupo pode conquistar muita coisa boa.

Lu Castro: Até porque se você coloca às vezes muita... Se você tem uma equipe recheada de estrelas, muitas vezes tem a questão do ego e isso atrapalha também.

Daiane Bagé: Na época do Botucatu, no primeiro ano, a gente não tinha tantas estrelas, eu lembro que na época quem estava sendo convocada era a Grazi¹⁴...

Lu Castro: Sim, eu lembro da Grazi.

¹² Jairo Porto, preparador físico.

¹³ SAAD Esporte Clube.

¹⁴ Grazielle Pinheiro Nascimento.



Daiane Bagé: A Grazi, depois as meninas foram chegando. Se eu não me engano, a Formiga¹⁵ foi para lá, depois a Mônica¹⁶, mas o primeiro ano mesmo só tinha a Grazi, a Renata Costa, que já estava lá. Eu comecei a ser convocada para seleção novamente... A Michele¹⁷, lateral esquerda.

Lu Castro: Eu vi, eu comecei acompanhar Bagé no Botucatu, se eu não me engano tinha transmissão da Rede Vida, e eu comecei a observar a Bagé jogando ali, e eu falei: “Puts, mas essa zagueira é boa [risos], ela chega chegando, ela chega marcando, ela dá combate, nossa, ela é raçuda, ela é uruguaia”. Eu já naquela coisa meio são paulina de ser falei: “Será que ela é uruguaia?” [risos] e...

Daiane Bagé: Estou com um pé lá, Lu.

Lu Castro: Quase. Aí eu falei: “Pô, mas ela joga demais”. E aí foi quando a gente começou... Eu falei: “Eu preciso conhecer mais dessa jogadora, preciso saber mais dela”, Foi quando a gente começou a conversar, não é Bagé? Mas tem uma história, não é só atleta, não é só dentro de campo, ela tem uma história, toda pessoa tem uma história que a gente precisa saber, as dificuldades que enfrentou, por que passou. Foi dali que eu comecei a te acompanhar e a gente começou a ter amizade. Só para registrar quando eu comecei a acompanhar, porque tinha transmissão da Rede Vida, então era possível ver, coisa difícil, que a gente tem que ficar se matando toda vez para conseguir um *linkzinho* de um jogo, nossa se tem... A gente fica tudo desesperado: “Alguém sabe onde vai passar o jogo?”...

Daiane Bagé: A Rede Vida proporcionava as nossas famílias poder ver os jogos.

Lu Castro: Sim, exatamente.

¹⁵ Miraildes Maciel Mota.

¹⁶ Monica Hickmann Alves.

¹⁷ Michele Reis.



Daiane Bagé: Porque como a maioria das atletas não é das cidades onde jogam o futebol, então, proporcionava as nossas famílias poder assistir, os amigos e tudo mais, então quando a Rede Vida saiu isso daí se perdeu muito.

Lu Castro: É, acabou a gente não vê muito, a gente não vê futebol feminino na televisão como via com a Rede Vida. E Botucatu você ficou até...?

Daiane Bagé: Eu fiquei até 2009, em Botucatu.

Lu Castro: E depois?

Daiane Bagé: Aí depois eu fui para São José dos Campos¹⁸, onde eu estou até hoje [riso]. Conquistei muita coisa também, graças a Deus. Só quando eu cheguei, foi engraçado porque assim, o futebol feminino, ele é complicado em si. O Botucatu, ele acabou praticamente se terminando em 2009, na parte financeira, então acabou desmontando, praticamente, a equipe inteira e eu fiz a opção. Eu poderia ter ido para outros clubes, poderia ter ido para um clube de camisa, mas eu optei para ir para São José porque eu acho que assim, a gente pode escolher alguns times de camisa, as vezes por valorização pessoal, propriamente financeiro, mas será que é só isso que a gente quer? Eu sempre gostei de construir as coisas, então quando eu fui para São José dos Campos; São José sempre foi um time muito guerreiro, um time que batalhava muito, mas nunca chegava. E quando nós chegamos lá, chegou eu e a Pri¹⁹, chegou mais duas atletas, se eu não me engano, a Poliana²⁰ e mais uma que eu não me recordo o nome hoje. E sempre quando eu cheguei... Quando eu cheguei lá, eu já falei que no primeiro momento com a gente assim, que a gente se reuniu, elas não tinham o costume de fazer isso, se reunir, de bater um papo, então, quando a gente chegou lá: “Vamos nos reunir porque a gente precisa estar mais juntas, a gente precisa se conhecer mais, a gente precisa realmente batalhar e lutar uma pela outra”. E fomos nos conhecendo, a gente foi lá dentro do campo, lutando, batalhando, com todas

¹⁸ São José dos Campos Futebol Clube.

¹⁹ Priscila Rossetti.

²⁰ Poliana Barbosa Medeiros.



as dificuldades que tinha, a gente foi batalhando uma pela outra. Já tinha a Copa do Brasil tudo mais. Eu me lembro que eu falei para o Márcio²¹ assim: “Eu acho que o nosso primeiro objetivo Márcio, é ficar entre os três primeiros do Campeonato Paulista” e que no primeiro ano isso aconteceu, graças a Deus, nós fomos para a final contra o Santos²², então, eu acho que tudo é um começo...

Lu Castro: Foi aqui no Pacaembu²³, né?

Daiane Bagé: É, foi aqui no Pacaembu. Perdemos dois jogos que... dois empates. Mas eu conquistei muita coisa, graças a Deus, conquistei muita coisa no São José, muitos títulos importantes...

Lu Castro: Campeã do mundo.

Daiane Bagé: E tudo isso, Lu, eu falo para ti que se não tiver um grupo não anda.

Lu Castro: É o coletivo, né?

Daiane Bagé: É o coletivo que faz a diferença, tem que estar todo mundo lutando, uma pela outra, entendeu? Graças a Deus eu fiz muitas amizades boas dentro do futebol feminino, por mais difícil que seja, às vezes, a gente acha que temos uma amizade, ou tenho um amigo ou coisa assim, depois te mostra o contrário, pessoas que realmente você vai contar na hora certa. Acabei me machucando, tive uma lesão muito grave o ano retrasado, só voltei a jogar o ano passado, praticamente, na final do Campeonato Paulista.

Lu Castro: Como foi... O que eu quero que você conta para gente: como foi o histórico da sua lesão? Como foi a sua cirurgia? A sua recuperação e a sua volta? Especialmente como foi o seu retorno ao campo. Quais foram as condições?

²¹ Márcio de Oliveira.

²² Santos Futebol Clube.

²³ Estádio do Pacaembu, São Paulo.



Daiane Bagé: Tudo é muito fácil, é muito bonitinho, é muito “legalzinho” para quem está de fora assistindo. Antes da minha lesão eu vinha muito bem, fisicamente eu estava bem, não estava no “top” porque eu acho que só cheguei nesse ponto quando eu realmente estive com o Jairo, onde eu realmente estava voando, mas eu estava bem. Estava fininha como se diz, mas eu vinha muito cansada Lu, porque eu estava jogando muito pela Seleção e jogava pelo São José. Acabei me machucando quando retornei da Seleção, do jogo se eu não me engano, contra a Suécia que a gente tinha feito. Então eu voltei e joguei no final de semana pelo Campeonato Paulista contra o São Caetano. Fui adiantar uma bola, fui antecipar, porque eu sempre tive isso muito forte comigo, fui antecipar a Gláucia²⁴ no lance e meu pé grudou no chão e só foi joelho para frente, e na hora já deu um estalo, eu pensei que na hora realmente já tinha ido tudo para o espaço. Mas dali em diante mudou muita coisa, porque você é muito valorizada quando você está bem, quando você está no auge e tudo mais, depois dali eu tive muito problema. Quando eu me machuquei eu lembro que eu acabei não fazendo a cirurgia lá em São José dos Campos, como eu tinha o contato do doutor Mauro²⁵ que era o doutor da Seleção na época, eu acabei entrando em contato com ele e fiz a cirurgia com ele, não esperei por ninguém, porque o futebol feminino tem muito disso, você espera aí a atleta vai operar daqui a três, quatro, cinco meses. Falei: “Não vou esperar”. Mesmo o São José tendo um pouco mais de condições, que iria demorar um pouco menos e tudo mais. Mas pensei não vou esperar, quero fazer logo minha cirurgia. Acabei fazendo e dois dias depois da cirurgia eu comecei... Dois dias não, no mesmo dia eu já comecei a sentir uma dor muito forte na perna, mas como as meninas sempre falavam: “Pós-cirurgia dói”. Quando foi no segundo dia, quando eu acordei, já estava em casa, e eu acordei com muita dor na minha perna, muita dor mesmo, eu baixada... Quando eu acordei que eu baixava a perna assim, aí parecia que estava rasgando a minha panturrilha. Eu até comentei com a Pri: “Isso daqui não é normal preciso ligar para o doutor”. Liguei para o doutor Mauro e ele disse: “Vem aqui que a gente vai ver o que está acontecendo”. Então imediatamente eu vim para São Paulo e foi constatada uma trombose na panturrilha Lu. Que eu fiz todo o exame... O primeiro não tinha mostrado, então, a moça

²⁴ Nome sujeito a confirmação.

²⁵ Mauro Martinelli.



me disse: “Me mostra mais ou menos onde está doendo”. Ai mostrei para ela que doía bem no meio da panturrilha mesmo, e ela passou de novo e viu que tinha um coágulo de sangue lá; não era na artéria, graças a Deus, era em uma veia e eu acabei ficando em tratamento uma semana aqui em São Paulo fazendo aquelas aplicações na barriga que doía para caramba, sofri bastante Lu. Depois disso, na recuperação foi mais cuidadosa, porque assim, existem profissionais e profissionais. Têm profissionais que depois eles vão e arriscam e tudo mais, tem outros que tem um pouco mais de cautela, tem outros que tem medo. Eu acho que lá em São José eles acabaram tendo um pouco de receio de lidar com a minha situação, porque depois com quatro meses eu comecei a sentir uma dorzinha aqui em baixo e tudo mais só que eu estava com uma tendinite muito forte na patela, no tendão patelar, então, não conseguia levantar cinco quilos, eu ia fazer a cadeira extensora e eu me tremia toda e não ia. Então eu falei: “Meu Deus”. Foi a primeira vez que eu pensei assim... Vou parar.

Lu Castro: Isso que eu ia perguntar: Passou pela cabeça: “Chegou a hora, não dá mais”?

Daiane Bagé: Foi a primeira vez que eu pensei assim: “Agora eu não quero mais”. Mas aí foi passando Lu, você vai continuando e tudo mais e eu continuei, mas essa dorzinha sempre me incomodando aqui em baixo. Não era uma dor que eu não aguentasse, mas era tipo uma picadinha que me incomodava. Toda vez que eu ia fazer alguma coisa ela me incomodava, eu ia para esteira estava àquela dorzinha lá. Quando foi com cinco meses, quase seis meses, eu fui para o campo pela primeira vez, mas estava... Realmente Jairo, eu estava desequilibrada, eu sentia na minha perna que estava muito fraca, era visível também que tinha diferença muscular na minha perna. Eu acabei cobrando os profissionais lá que eu precisava fazer algumas coisas, mas infelizmente não tive êxito em relação a isto, fui treinar até porque eu queria também. Aí entra o que vocês falam, Jairo, a culpa da atleta. Fui para o campo, fiz 15 minutos de exercícios e tudo mais, aguentei, estava bem, estava tranquila, não manquei nem nada que geralmente se espera da atleta quando volta de lesão assim. Mas quando eu retornei que eu bebi água e que eu fui voltar para o campo eu já não conseguia mais andar, não consegui sair do lugar. Ele pediu: “Você consegue trotar uns 10



minutinhos”, fui tentar, mas não dei cinco passos. Falei: “Tem alguma coisa errada, não pode ser assim, uma tendinite me deixar assim”. Liguei de novo, o doutor Mauro já não aguentava mais que eu ligasse para ele [risos], liguei e ele disse: “Você vem aqui que eu quero dar uma olhada”. Fiz a ressonância, levei para ele também, ele olhou e achou que o parafuso tinha subido um pouco e estava pegando na articulação, só que ele falou: “A gente vai abrir, vai ver o que foi”. Só que infelizmente quando ele abriu o parafuso tinha soltado, soltou do osso, aí ele teve que fazer um enxerto ósseo porque não pegou, eles tentaram colocar outro parafuso, ele estava com receio porque estava com seis meses para ver se realmente o ligamento tinha consolidado ou não. Fiz o enxerto ósseo, fui para casa e fiquei mais três meses parada, foi onde eu resolvi: “Agora eu vou procurar realmente quem entende um pouco mais”. Fui atrás do Flavinho Massai: “Flavio você me socorre porque eu preciso voltar a jogar”. Foi nesta segunda vez que eu pensei de novo: “Dessa vez eu vou parar”. Graças a Deus procurei o Flávio, que é um fisioterapeuta da Seleção Brasileira que é muito bom e graças a Deus ele me ajudou em todos os instantes, tentou adaptar, tentou fazer... A primeira coisa que ele me falou, não precisou medir a minha perna nada, ele só me colocou em cima da maca, me virou, fez todos os movimentos com a mão dele mesmo ele falou: “A primeira coisa é a tua musculatura, se a gente não der jeito você não vai voltar”. Porque eu estava ainda com a tendinite muito forte, mas graças a Deus com a ajuda do Flavinho eu comecei a vir, eu saía de São José dos Campos praticamente todos os dias as quatro horas da manhã, vinha para São Paulo fazia meu tratamento até meio dia aqui e retornava para lá e fazia o restante do meu tratamento lá em São José. Meu fisioterapeuta de lá também acabou vindo, ele falou que queria vir, ele vinha comigo para aprender praticamente como o Flávio estava lidando comigo, e isto acabou ajudando na minha recuperação. Mas aí depois entrou a parte física Lu, tive muita dificuldade porque eu acho que quando se tem uma... Não falo nem de atleta de alto rendimento, mas qualquer atleta eu acho que... Os profissionais que hoje estão na área eles têm que saber lidar, que foi o caso do Jairo. Simplesmente o Jairo não lidou com a gente lá tipo “são as titulares”. Não, ele trabalhou com o grupo. E hoje falta muito no futebol feminino.



Lu Castro: Porque você nunca sabe quando você vai precisar de uma peça, e quando vocês têm que substituir uma peça, como é que está a suplente?

Daiane Bagé: Eu lembro que a Priscilha falava assim: “Vocês ainda vão precisar da Bagé”. Porque as meninas estavam indo muito constante para Seleção o ano passado e eles acabaram me deixando de canto.

Lu Castro: No São José quando você voltou da lesão você entrou para final?

Daiane Bagé: Eu entrei para final direto.

Lu Castro: Aquela final que eu fui ver?

Daiane Bagé: É. Eu fiz poucos treinos Lu, fiz pouquíssimos treinos. Eu fui mesmo naquela final na raça e na vontade. Foi, contra Ferroviária²⁶.

Lu Castro: Eu falei: “Vou acompanhar o jogo”. Estou sentada lá, já tinha visto a Pri e a Bagé, fui conversar com todo mundo, voltei: “Vou assistir o jogo”. A recém voltada de lesão estava entrando... Ela entrava de cabeça no pé, praticamente, da atacante. O que a Bagé está fazendo? Estava dando combate, tirando a bola do pé da atacante com a cabeça.

Daiane Bagé: É, mas vontade era tão grande de estar ali dentro do campo que acabou superando outras coisas. Mas eu poderia ter tido outra lesão, poderia ter tido uma lesão muscular porque eu não atuava há praticamente um ano. Eu acabei tendo alguns atritos lá em São José porque eu cobre muito isso deles, porque eu queria uma atenção realmente, porque eu precisava. Eu estava voltando de lesão e eu não tinha aquela atenção ali, simplesmente era: “Você vai treinar igual as meninas”. Eu achava, pelo menos no meu ponto de vista, que eu deveria ter tido um treinamento separado delas, até porque era nítida minha diferença delas. Lógico que nessa parte de medo, de perder o medo, você só vai

²⁶ Associação Ferroviária de Esportes.



perder lá dentro do campo mesmo, mas alguns tratamentos diferenciados... Que nem eu fui para os Jogos Regionais, eu estava voltando, eu falei: “Tudo bem, não tem problema de ir para os Jogos Regionais até porque eu vou ganhar um pouco de ritmo e tudo mais”. Mas eles acabaram optando, porque eles tinham medo, porque lá tinha um monte de buraco... Mas já tinha um ano de lesão, então, era ali que eu ia ganhar alguns ritmos, eles infelizmente acabaram optando por não me colocar em alguns jogos, mas também não me davam um treinamento separado. Espera aí, a tua atleta não vai jogar mas ela está indo para os Jogos Regionais para passear? E não era isso que eu queria Lu. Eu não vou jogar mas eu quero treinar. Então acabei não tendo isto e acabei tendo... Cobrei a comissão técnica em relação a isso e acabei tendo alguns atritos com a comissão técnica pelas minhas cobranças pelos treinos. Depois se passaram os Jogos Regionais, veio a final do Campeonato Paulista e justamente uma semana antes do Campeonato Paulista teve a convocação das meninas para a Seleção Brasileira, eles tentaram a liberação das meninas e a CBF²⁷ falou que não iria liberar. Para onde nós vamos correr? O que a gente vai fazer?

Lu Castro: Bagé!

Daiane Bagé: Bagé e outras atletas também. E você entra assim... Eu sabia que eu iria jogar bem porque eu sempre tive isto dentro de mim, eu dependo de mim, eu não dependo da vontade da minha companheira, não dependo da vontade da outra. E ainda mais que era uma final, eu sabia que era ali que eu poderia ser a minha volta realmente para o futebol feminino e graças a Deus foi o que aconteceu, nós perdemos o primeiro jogo dentro de Araraquara, dois a zero, um jogo muito difícil onde nós não nos encontramos na partida, mas a gente se reuniu depois do vestiário e disse: “A gente vai jogar dentro da nossa casa”. E graças a Deus, dentro do São José, com uma jogadora a menos nós ganhamos do Araraquara de dois a zero. Então, o futebol te proporciona essas coisas. Mas eu tive muito isso, Lu, tem o lado muito bom antes da lesão, o lado da lesão que as pessoas te esquecem realmente, para uma ou para outra você tem valor e o lado depois da lesão que você vai reconstruindo tudo de novo.

²⁷ Confederação Brasileira de Futebol.



Lu Castro: E você ainda depois da lesão foi campeã da Libertadores, depois é campeã no Japão é campeã do mundo...

Daiane Bagé: Na Libertadores eu ainda senti um pouco essa parte, principalmente a parte física, mas eu mesma fui me dosando porque no primeiro jogo mesmo no intervalo eu pedi para sair. Falei: “Eu quero sair”. Às vezes pelo técnico você não sai e aí muitas das atletas têm receio de pedir para sair porque, sabe: “Eu não vou voltar mais, isso e aquilo”. E eu sabia que eu dependia do meu corpo, então, para que eu estivesse bem lá na frente eu teria que sair porque senão eu não iria aguentar e até pedi para ser substituída no primeiro jogo e depois, graças a Deus, deu tudo certo na Libertadores. E o mundial realmente eu estava bem focada, eu sabia que era uma oportunidade única em todos os sentidos eu joguei muito bem lá.

Lu Castro: Falando um pouquinho da Seleção. A tua primeira passagem então foi na Sub-19?

Daiane Bagé: Em 2002 e em 2002 mesmo eu tive minha primeira convocação para Seleção principal.

Lu Castro: Me fala um pouquinho das competições com a Seleção e depois eu vou levantar o episódio da cobrança de pênalti, aquele momento que eu quero que você fale como é que foi porque é importante que a gente saiba como é o sentimento da atleta; não para repudiar em cima de um momento ruim, mas para gente saber como que a atleta se sente e de momento de Pan-Americano dentro do Maracanã. Esses detalhes.

Daiane Bagé: Eu tive assim... Agora, fora da Seleção de novo, depois da minha lesão eu não retornei mais para Seleção. Desde 2002 até 2004 eu estive na Seleção depois eu voltei só em 2007.

Lu Castro: Em 2007 foi o Pan-Americano?



Daiane Bagé: É, em 2007 foi o Pan-Americano, isto mesmo. Em 2004 eu tive com o René²⁸... Eu disputei o Sul-Americano na Argentina pela Seleção principal onde nós perdemos lá e depois disputei o Pan-Americano em 2007. Disputei o Mundial com o Jairo em 2007 também. Depois dali eu fiquei... Foi em 2007 o episódio da faixa lá onde eu acabei ficando fora até....

Lu Castro: [risos] Conta da faixa.

Daiane Bagé: Esse episódio da faixa me causou muito transtorno, porque eu sempre fui uma jogadora que sempre batalhei muito por grupo, porque a gente tem que estar junto. É lógico que você nunca vai desrespeitar quem te comanda ou coisa parecida porque você depende dessas pessoas e tudo mais. E o episódio da faixa, em 2007, nós estávamos praticamente todas reunidas dentro do quarto então nós decidimos: “Vamos fazer uma faixa para mostrar que a gente precisa de apoio”. Não era nada para criticar a CBF. “O que vamos escrever na faixa?” Aí colocamos... Só que quem escreveu fui eu. “Brasil precisamos de apoio” essa era a faixa. Mas não era nada voltada para a CBF, pelo contrário. Quando eu fui para Seleção muita coisa mudou na minha vida, graças a Deus. Eu pude construir uma casinha simples para minha mãe e tudo mais, mas em 2007 foi engraçado. O que as pessoas não sabem que meu treinador entrou no quarto, ele viu a faixa, todo mundo perguntou: “A gente pode fazer?”. Ele disse: “Pode fazer, não tem problema nenhum”. Entendeu? Ai, beleza, a gente foi lá fez a faixa, só que quem fez a faixa fui eu e a Micheli mas estava todo mundo... As meninas rindo, eu escrevi a faixa na hora a gente vai levantar. Quando chegou na final que foi contra os Estados Unidos... Não, foi contra a Alemanha, os Estados Unidos estavam lá dando risada da gente porque a gente tinha perdido para Alemanha. Antes de subir no pódio a gente perguntou para o treinador: “Podemos subir com a faixa?” Aí ele falou: “Podem, agora é o momento de vocês subirem com a faixa”.

Lu Castro: Quem era o treinador?

²⁸ René Simões.



Daiane Bagé: Era o Jorge Barcelos. “Podemos subir?” “Pode, não tem problema nenhum”. Subimos Lu, mas quem subiu com a faixa? Eu! Entendeu? A saiu estampado em todos os jornais: “Brasil precisamos de apoio”, que era a faixa. Aí ferrou Lu, porque depois dali eu não fui mais convocada, depois de um tempo... Eu já imaginava que era por causa daquilo mas eu não imaginei que aquilo me causaria um problema dentro da Seleção até porque eu estava em um... Fisicamente eu estava muito bem e eu estava jogando e vinha ganhando todas as competições com o meu clube que era o Botucatu na época. Então eu estava muito bem, não teria porque não estar. Mas eles acabaram optando por me deixar de fora e depois de um bom tempo eu descobri que foi por causa daquela faixa.

Lu Castro: É a típica retaliação. Você não tem o direito de se manifestar, você não tem a livre manifestação, você tem que ficar quieta.

Daiane Bagé: Mas assim, nem sempre o que está lá em cima que é o comandante, ele sabe daquilo ali entendeu? Porque existem outras pessoas por trás. Às vezes não chega lá. Porque se eu te falar assim: “O presidente da CBF sabe quem é a Bagé?” Talvez ele não saiba quem é a Bagé, então, como ele iria saber daquilo ali entendeu? Mas infelizmente aconteceu, fiquei quatro anos fora da Seleção, retornei depois que as meninas acabaram perdendo o Torneio Internacional aqui no Pacaembu, que eu estava lá na saída, vim assistir elas, estava lá na saída e o coordenador acabou me chamando e falou: “Você se prepara e tudo mais” e eu acabei voltando para Seleção.

Lu Castro: Qual o ano?

Daiane Bagé: Foi 2012. Que já era o Kleiton²⁹.

Lu Castro: Olimpíadas.

²⁹ Kleiton Barbosa de Oliveira Lima.



Daiane Bagé: É, que foi com o Kleiton. Eu cheguei, eu lembro que as meninas já estavam como titular e tudo mais já vinham um bom tempo treinando com o Kleiton.

Lu Castro: E você campeã com o São José na Libertadores de 2011. Então, o São José já havia tido uma campanha boa em 2011, inclusive com uma senhora festa no Martins Pereira³⁰, as argentinas perguntando quem era São José.

Daiane Bagé: Foi a primeira vez que eu vi um estádio lotado para o futebol feminino. Eu falo de clubes. Porque Pan-Americano já tinha tido praticamente 80 mil pessoas no Maracanã. Mas para clubes, como eu vi São José nunca tinha visto.

Lu Castro: E considerando o São José que é um time antigo, é um time de interior e uma torcida... Eu morei em São José, eu sei como é o torcedor “jozeense” e como eles abraçaram as meninas do São José. Enquanto que o time masculino do São José já tem uns anos amargando decepções, amargando resultados bem ruins e as meninas em contrapartida conquistando coisas importantes. Então você já vinha em 2011 de uma campanha com o São José muito boa.

Daiane Bagé: E aí foi o Mundial em 2011. E aí o que aconteceu lá no Mundial eu acabei infelizmente fazendo aquele gol contra se eu não me engano tinha três minutos...

Lu Castro: O Mundial de 2011 na Alemanha, foi em junho, julho. Depois a gente teve a Libertadores mais para o final do ano, certo? Em 2012 foram as Olimpíadas de Londres.

Daiane Bagé: É, foi quando eu retornei, antes do Mundial. Quatro meses antes se não me engano.

Lu Castro: Agora eu quero que você... Porque coisas acontecem, mas as pessoas gostam de bater. É aquela coisa que a gente fala da mídia que não está acostumada a cobrir futebol

³⁰ Estádio Martins Pereira.



feminino e vê o Brasil em um amistoso perdendo por 4 a 0 para Alemanha e faz aqueles títulos de matéria que quem acompanha da vontade de pegar e pular pelo monitor do computador e bater. A gente sabe qual é a dificuldade, a gente sabe quais são as diferenças então, por isso que eu quero que a gente conte como é o teu sentimento. Porque a gente sabe como você vinha...

Daiane Bagé: No Mundial quando nós perdemos, na verdade nós não tivemos muita preparação, quase nada para o Kleiton preparar aquela equipe, praticamente pouquíssimos amistosos se tiveram um ou dois foi muito eu nem me recordo. Mas isso lógico que não é uma desculpa, mas a gente sabe que faz diferença. Então nós tivemos pouco tempo de preparação mas estávamos bem confiantes, acho que tinha uma Seleção para ter chegado mais longe. Algumas coisas eu acho que somos nós atletas que precisamos ter essa cobrança entre nós mesmas, acho que falta ainda um pouco de concentração lá dentro principalmente nos minutos finais que foi onde a gente acabou tomando os gols. Eu lembro que com o Kleiton, ele também estudou as seleções, porque ele passava muito isso para nós. A seleção americana tinha aquela jogada muito forte do primeiro gol e ele treinou muito aquela jogada, ele falou e treinou muito que era por ali que elas viriam.

Lu Castro: Que eu lembro era sempre cruzamento da Rapinoe³¹ para a Wambach³² cabecear, sempre isso.

Daiane Bagé: Mas isso foi o segundo gol. O primeiro gol foi logo no começo do jogo. Saiu a bola, nós tínhamos treinado muito aquela jogada delas, mas mesmo assim parece que por um momento se desliga e acabou entrando a bola nas costas da nossa lateral e da lateral entrou na área e eu fui querer tirar e acabou... Acho que isso não aconteceu na minha carreira, aconteceu uma vez no Grêmio que era ter feito um gol contra. Nunca tinha acontecido, mas quando é para acontecer realmente acontece. A bola espirrou bendito na

³¹ Megan Rapinoe.

³² Abby Wambach.



minha canela e entrou para trás, entrou lá dentro do gol com a Andréia³³. Mas eu continuei tranquila no jogo, eu sempre fui muito equilibrada em relação a isso, não era um gol contra, não era uma jogada ou outra que você acaba fazendo que iria me tirar da forma que eu estava para aquele jogo. E eu continuei normal no jogo e tudo mais. Aí foi o final do jogo, se eu não me engano eu acho que a Érika³⁴ que caiu, quando os Estados Unidos fez o gol aos 46 minutos. A Érika estava fora, nós chamamos muito ela para que ela não saísse, mas ela acabou saindo pela linha de fundo. E logo em seguida teve a jogada delas que a Cristiane levou no fundo, a gente acabou não matando a jogada ali, deixou a jogada sair dali para o meio campo, do meio campo para a menina aberta lá e ela direto nas costas. Ainda tentei pular para tirar não consegui e ela só entrou por trás e fez o gol.

Lu Castro: – Mas aí você me fala, você tem uma Wambach para você marcar ali, ela é enorme não é? Ela é grande? E ela é forte. Então, para você fazer esse tipo de marcação é complicado.

Daiane Bagé: Assim Lu, quando você está marcando não perto, mas no corpo... É que naquela jogada eu não tive noção de onde ela estava, então, quando eu tentei ir para trás foi a hora que ela veio e ela praticamente me antecipou e fez o gol na Andréia. Uma coisa foi encadeando a outra.

Lu Castro: E a preparação da Seleção também era totalmente diferente?

Daiane Bagé: Para os pênaltis... Em relação aos pênaltis, quando eu fui cobrar o pênalti, eu errei. Eu treinei muito pênalti. Muita gente criticou o Kleiton: “a Bagé vai bater o pênalti? Porque a Bagé fez o gol contra”. “Psicologicamente a Bagé não teria condições nenhum de bater um pênalti”. Isso não é o futebol entendeu, porque eu estava muito concentrada, eu treinei para bater pênalti, então, se eu treinei eu tenho que bater. A não ser que se eu realmente estivesse abalada no jogo eu seria a primeira a dizer: “Kleiton, eu não

³³ Andréia Suntaque.

³⁴ Érika Cristiano dos Santos.



tenho condições”. Eu fui muito confiante, acho que o meu erro ali, de qualquer atleta porque a maioria dos treinadores fala, é que a atleta se bate no canto não troca de canto, e naquele jogo pela primeira vez eu inventei... Porque eu vi a Hope Solo no canto que eu batia, eu falei: “Eu não vou bater lá, ela está lá, vou bater no outro canto”. Eu fiz justamente o que ela queria que eu fizesse. Bati no canto e ela pegou, mas só que assim, para mim ali eu já estava um tempão fora da Seleção, era o meu momento, era tudo que eu estava querendo viver, e daquele pênalti até o vestiário parece que desmoronou tudo. Eu quis ficar sozinha mesmo. O ruim é você entrar no vestiário e ver as tuas companheiras chorando sem... [choro] Esse que é o peso. Mas eu tive que me levantar de novo, eu voltei para o Brasil e muita coisa aconteceu. Porque as pessoas aqui elas cobram muito, mas elas não enxergam o que a gente passa. Acho que o pior para mim foi voltar para dentro do vestiário e ver as minhas companheiras daquele jeito. Porque agente sabia que a gente podia e eu acabei errando. Mas eu acho que só erra quem tenta. E eu, a todo o momento, eu tentei e infelizmente não deu certo. Só que, quando eu voltei para o Brasil, as pessoas no Brasil são muito ignorantes em algumas partes, não comigo porque eu sempre fui muito forte em relação as coisas. Mas lá em Bagé mesmo eles nunca me apoiaram em praticamente nada, mas quando isto aconteceu eles foram os primeiros a estampar no jornal o que tinha acontecido. Minha mãe sofreu muito com isso, quando eu voltei e joguei o primeiro jogo do Campeonato Paulista eu lembro que foi em Taboão³⁵, tinha um pessoal - eu juro por Deus eu fiquei tranquila porque eu já estava mais tranquila com tudo que tinha acontecido eu sabia que eu tinha que me recompor e tudo mais - mas tinha um pessoal que os caras ficaram em cima da árvore me xingando o jogo inteiro. Só que isso não afetou a mim, estava afetando as minhas companheiras, porque elas me falavam assim: “Bagé, como tu pode aguentar isso?”. E eles xingando mesmo de tudo que era jeito. Ainda sofri muito por causa disso, fui jogar a Copa do Brasil era o pessoal lá... Tu tem que saber lidar, porque eles são torcedores, só que eles extrapolam. Porque, nós não somos o futebol masculino que ganha milhões. Eu estou ali no futebol feminino porque eu amo, porque foi uma coisa que eu sempre lutei, mas as pessoas não querem saber disso, então eu sofri muito, levei um tempo para... Vou respirar um pouco agora, tenho que me recompor até

³⁵ Taboão da Serra, município de São Paulo.



porque eu tenho os meus objetivos ainda que era de continuar na Seleção e aí, graças a Deus, as coisas andaram, só depois da lesão que eu tive alguns problemas. O Kleiton ainda foi muito criticado por ter me colocado para bater o pênalti. Eu acho que qualquer treinador faria o que ele fez porque eu treinava para aquilo ali, poderia outras atletas também terem dito: “Eu quero bater”. Mas não, estão aqui as bateras, ninguém se pronunciou, eu estava muito confiante em bater, fui lá bati e infelizmente errei.

Lu Castro: Mas em 2011 a compensação veio com a Libertadores que nós falamos que foi um título bonito para caramba, com a camiseta “Prazer América, aqui é o São José”, foi bem legal, foi bem empolgante. Em 2012 as Olimpíadas. E o que eu quero ressaltar de você ter passado um período, o período de treinamento das Olimpíadas jogando de um jeito e chegar em Londres e tudo mudar, que isso eu não me conformo até hoje. Mas eu acho que não foi só você a mudar, não você mudar, ser mudada dentro de campo. Eu sempre boto fé nas meninas, eu sei que não tem condição, se a gente for comparar fisicamente, estruturalmente a gente sabe que não tem condição, mas ainda a gente tem muita coisa que é muito talento dentro de campo, e a gente tem algumas peças fundamentais que ajudam nisso, mas Londres eu me revoltei, quando eu vi você jogando na lateral... A Bagé jogando na lateral!

Daiane Bagé: O que aconteceu em Londres Lu, eu estava muito bem em Londres, eu era titular em Londres, antes da estreia. E nós fizemos muito treinamento físico, muito, muito, muito... Com *cybex* lá na Granja Comary e muitas atletas começaram a sentir e eu senti uma lesão na posterior e eu estava aguentando tudo. Só que para mim, eu como jogadora da Seleção Brasileira, eu tenho que falar que eu estou sentindo porque senão vai prejudicar as minhas companheiras. E a gente foi fazer um amistoso antes de estreiar nas Olimpíadas, e o primeiro tiro que eu dei puxou mesmo atrás, falei assim: “Eu não vou continuar assim, porque se eu continuar assim depois na minha estreia eu não vou conseguir jogar”. E não era o meu objetivo, o meu objetivo eram as Olimpíadas. Estou sentindo, tudo bem, só que o meu pensamento era: “Estou sentindo, não é nada grave, vou recuperar até a final e tudo mais, na final eu vou estar pronta para jogar tranquila”. Só que eu me recuperei e quando



chegou na final... É opção, é o treinador, é ele que tem a opção dele, entendeu? Eu não retornei como titular, ele teve a opção de colocar as meninas lá da defesa. Só que depois ele acabou... Eu não tinha treinado, não tinha nada e ele acabou me colocando na lateral direita. Porque assim, nós somos atletas, nós queremos jogar, lógico que eu não vou entrar lá e vou prejudicar principalmente uma seleção brasileira. “Bagé você vai entrar na lateral direita!” E eu falei: “Está bom, vou entrar na lateral direita”. Acabei entrando acho que um minuto, dois minutos, sei lá. São algumas coisas do futebol... Mas dessa parte eu não tenho o que dizer porque eu sou uma atleta, eu sou paga por aquilo ali. Se ele me falar que eu tenho que virar cambalhota e jogar lá no ataque eu vou virar cambalhota e jogar lá no ataque, vou tentar, se eu vou conseguir é outra coisa.

Lu Castro: A gente fala que normalmente se improvisa até a característica das atletas, a atleta tem uma característica mas... “Eu vou colocar ela para jogar lá.” E a gente sabe como muitos, não são todos, é obvio, mas muitos trabalham de pegar e improvisar a atleta... Ela acaba deixando de mostrar a melhor aptidão dela, o melhor desempenho dela em razão dessas improvisações, por isso que eu falei desse lance... Porque a gente tinha conversado um pouco antes de vocês irem para Londres e eu estava super torcendo como sempre... Bagé e a gente está falando de ciclo Olímpico porque daqui a pouco vai encerrar o ciclo Olímpico de muitas atletas e nós temos uma geração muito boa e porque a gente não consegue as coisas com uma geração tão boa? E chega em Londres e vê, sinceramente eu, Lu, eu fiquei muito revoltada com o que eu vi, com o que foi colocado dentro de campo, da maneira como foi colocado. Mas isso foi como eu me senti, que a gente fala, uma prata, um bronze, um ouro em Londres...

Daiane Bagé: Acho que tanto no Mundial como nas Olimpíadas a gente poderia ter chegado mais longe. Essa questão de ter ganho já é mais complexa, mas ter chegado mais longe, a gente poderia ter chegado. Mas eu falo sempre assim: enquanto existir algumas coisas erradas vai bater e vai voltar, porque a gente está jogando com outras seleções muito qualificadas; a gente está jogando com seleções de alto rendimento mesmo, elas não estão se preparando há quatro meses; elas não estão se preparando há um ano, elas estão se



preparando há quatro, cinco. Hoje a gente vê a seleção sub-20 da Alemanha, que é a atual campeã mundial, as meninas... É muita diferença que não se compara, se colocar essas meninas hoje jogar contra uma seleção sub-20 nossa, a nossa seleção vai ser massacrada por elas, não vai ser sete, vai ser quatorze. A gente hoje se ilude com muita coisa, a gente fala muito em profissionalismo, muita gente, não só atleta, mas eu acho que dirigentes, membros das comissões, atletas, a gente fala muito de profissionalismo, mas todos... Não se cobra da forma que tem que se cobrar, nós estamos muito erradas, porque enquanto a gente não mudar nossa postura, nosso jeito... Nós esperamos de uma comissão técnica, mas se nós não mudarmos... Por isso que eu falo, se um grupo estiver fechado, ele consegue alguma coisa a mais, mas se não estiver ele não vai andar, porque ele já tem muita dificuldade, não tem às vezes uma parte física, uma parte técnica, muitas vezes o futebol feminino vai na vontade e na raça, mas isso lá fora na hora de bater um Mundial, em uma Olimpíada, isso não basta. A gente realmente, hoje o Jairo está aqui, eu sempre falo para todas as pessoas que eu converso... A Pelê falou dele hoje aqui, realmente ele foi o melhor dos melhores. Quando ele voltou, nós tivemos, acho que foram quatro ou cinco sessões de treinamento Jairo? Nós já vimos a diferença e eu brinquei com ele ali fora. Nós fizemos acho que esses treinos com ele onde nós morremos, e já vínhamos um ano inteiro treinando. Tem alguma coisa errada, nós deveríamos ter chegado prontas para ele, mas infelizmente isso não aconteceu. Ele lutou com todas as armas que ele tinha... Porque hoje tem muita gente que mostra aqui, mas quando chega na hora da prática não consegue lidar, não consegue mostrar. E na minha opinião, você tem que saber lidar com a tua atleta; ele é um preparador físico que nós poderíamos odiar ele, mas todas temos um carinho muito grande com ele, um respeito muito grande por ele, e eu posso te falar, se hoje ele fosse meu preparador físico, eu ia estar amando, se ele me mandasse fazer o que for, eu iria fazer.

Lu Castro: Volta Jairo Porto, acho que você precisa voltar para seleção, vamos fazer uma campanha, volta Jairo Porto. Pode deixar que eu faço.

Daiane Bagé: Não que com outros treinadores a gente não faz, porque a gente faz. O Jairo trabalhou com a gente. A maioria dos treinadores, pelo menos quando falam com a gente,



eu não sei até que ponto é verdade ou não. Falam que nós somos muito obedientes, eu acho que somos muito obedientes, porque quando as pessoas pedem, a gente vai lá e tenta. Mesmo que seja errado. Eu, Bagé, posso não concordar, mas eu vou fazer, porque meu treinador está pedindo, meu preparador físico está pedindo. Só que hoje, as mais novas não; mas nós que somos mais velhas, mais experientes, não somos mais umas meninhas que não entendem as coisas. Então eu sei às vezes muito bem o que vai fazer bem para o meu corpo, que foi a questão que eu realmente cobre a minha comissão técnica: “Eu preciso treinar, se não eu não vou voltar.” Só que às vezes isso para uma comissão técnica, ou para um dirigente, é um afronto. E na verdade não é! Estamos pedindo, estamos querendo ser escutadas. Lógico que eu não vou chegar lá e vou quebrar o pau com meu treinador ou com meu preparador físico, mas eu tenho que... “Lu, você pode me ajudar? Eu preciso”. Então são essas coisas ainda, que a gente volta, a gente vai para outras... Hoje nós estamos aqui no Museu do Esporte, mas estamos sempre praticamente na estaca zero, porque a gente dá um passo para frente e três para traz. Hoje todo mundo quer respeito, mas ninguém se respeita. Então, é muito complicado, hoje mais do que antes, no meu ponto de vista, as coisas estão mais complicadas ainda porque hoje a gente encontra jogadoras que acham que são jogadoras “top” e estão muito abaixo de ser. São vários tipos de complicações profissionais também que “espera aí, vamos devagarzinho, vamos evoluindo, vamos crescendo”. Mas não, já acha que: “eu estou aqui no topo e eu não respeito meu companheiro que está do lado, não respeito o profissional que está do outro lado, da outra equipe”, independente de ser mais fraco ou mais forte. Isso é muito complicado hoje em dia entendeu Lu?

Lu Castro: Bom eu vou fazer o seguinte, eu vou abrir para perguntas. Dá tempo Aira³⁶? Preciso abrir duas perguntinhas rapidinhas. O microfone esta aqui em cima, eu vou pedir para pergunta ser bem objetiva, só por causa do horário do Museu também, que a gente passou um pouquinho.

³⁶ Aira Bonfim, da equipe do Museu.



Rafael Alves: Bagé, é um prazer enorme falar com você, e o futebol feminino me presenteou bastante por ter contato com pessoas como a Bagé, por exemplo, a Pelê, a Ju³⁷, enfim, pessoas que eu jamais imaginaria ter contato hoje eu tenho, então obrigado. Queria falar primeiro sobre a seleção... Só uma correção também, havia falado que o gol foi aos 45 minutos, mas foi aos 15 minutos da prorrogação na verdade, pior ainda, mais sofrido ainda. Ontem a seleção japonesa e a seleção espanhola anunciaram a pré-lista para Copa do Mundo, as duas com trinta e cinco atletas. A seleção permanente tem vinte e oito, foi chamada com vinte e oito. Debinha³⁸ se machucou, vinte e sete e Rilany³⁹ ainda não se recuperou, vinte e seis. A Bia teve um problema recentemente...

Daiane Bagé: Ma ele já tem a lista das trinta e cinco Rafa. Eles com certeza eles já tem as trinta e cinco atletas.

Lu Castro: Mas na permanente?

Daiane Bagé: Na permanente não, mas a lista das trinta e cinco atletas, com certeza eles já tem.

Rafa: Bom é o mínimo que se espera, porque hoje na seleção a gente tem vinte e quatro atletas. Vinte e quatro atletas que vão treinar até o período da Copa, uma vai ser eliminada, são vinte e três que vão. Provavelmente uma goleira, exatamente, porque tem quatro. Você como atleta pode falar melhor. Isso não causa um senso de acomodação no grupo? E só mais uma perguntinha rapidinho sobre o Torneio Internacional que vocês disputaram no Japão, vocês enfrentaram o Urawa⁴⁰ e o Arsenal⁴¹. Vocês já foram conhecendo essas equipes, vocês sabiam como essas equipes jogavam, ou foi meio no escuro? Obrigado.

³⁷ Juliana Cabral.

³⁸ Débora Cristiane de Oliveira.

³⁹ Rilany Aguiar da Silva.

⁴⁰ Urawa Reds Diamonds, do Japão.

⁴¹ Arsenal Football Club, da Inglaterra.



Daiane Bagé: Primeiro eu que tenho o prazer de te conhecer, principalmente por tu ser um batalhador do futebol feminino, eu acho que a gente deve, o futebol feminino deve muito a pessoas como você, como a Lu, pessoas que realmente amam o futebol feminino, que fazem porque gostam, fazem porque amam. Em relação à lista, eu acho que assim, eu acho que as trinta e cinco atletas já estão praticamente definidas, é lógico que eles tinham que definir um grupo para treinamento. Hoje são vinte e quatro, isso que você falou? Em relação à acomodação, eu não sei, porque praticamente já esta definida. Elas vão treinar entre elas e definir a vaga entre elas embora a gente já saiba como muita coisa funciona. As vinte e duas atletas já devem estar praticamente definidas, vinte e três atletas, entendeu? Isso acaba sendo ruim, porque pode ser que uma ou outra atleta tenha as mesmas condições das que já estão lá, de estar nesta lista, mas por já estar praticamente definido, ninguém mais entra. Não sei se houve uma entrevista do Vadão⁴², não sei se foi alguma coisa assim que, eu não lembro se ele falou que já tinha as meninas definidas, eu não lembro...

Rafael Alves: Ele falou que na verdade não tinha uma lista definida, ele falou que tinha em mente trabalhar com trinta e cinco atletas. De dezembro até esse mês, ele trabalhou no máximo com vinte e nove atletas, teve apenas uma que ele chamou que foi no período da Copa do Brasil. Então ele trabalhou com vinte e nove atletas ao todo, de dezembro até agora, então por isso imagina se... Ele até pode ter essas trinta e cinco de *handicap* talvez. Quer testar alguma de última hora, no último mês.

Daiane Bagé: Acho que agora ele não vai testar mais ninguém de última hora, ele já tem a seleção dele definida. As meninas, vinte e oito, mais as trinta e cinco, ele não vai chamar mais ninguém, até porque eu acho que qualquer treinador não faria isso, a não ser que visse uma jogadora “essa tem capacidade de estar no meu grupo e eu vou incluir”. Em relação a São José dos Campos: Não, nós não fomos sabendo, não sabíamos como nenhuma das equipes jogavam lá; realmente fomos no escuro e a gente foi mais mesmo sabendo que teríamos que jogar do meio para traz, jogar em um contra ataque contra elas.

⁴² Oswaldo Fumeiro Alvarez.



Lu Castro: Eu queria agradecer, Bagé obrigada por você ter vindo. Você sabe, o que precisar a gente está sempre conversando, se precisar de um *help* a gente está aí. Queria ter muito mais tempo para conversar porque tem muita resenha, mas não dá, mas eu quero agradecer por você ter vindo, desejar sucesso para você é pouco, você sabe que eu desejo todo o bem do mundo para você, porque você é muito guerreira, você merece, você sempre superou e vai superar e eu sei que vai ainda dar muita contribuição.

Daiane Bagé: Eu já superei tudo Lu.

Lu Castro: Sim, e vai dar muita contribuição ainda.

Daiane Bagé: Eu quero só agradecer todo mundo aqui, eu acho que são pessoas que realmente querem o bem do futebol feminino, principalmente por estar aqui hoje, poderiam estar nas suas casas. Então obrigada. Obrigada Lu mais uma vez. Lógico que a gente tem que contar tudo rapidinho, porque se a gente for contar tudo vai ficar aqui um tempão falando. Quero agradecer em especial a Priscilinha que esta sempre me apoiando em tudo que eu passei e tudo mais e te agradecer muito Lu, porque eu acho, como eu falei, vocês são pessoas muito importantes para gente, embora muitas pessoas não valorizem vocês.

Lu Castro: Mas a gente não liga [risos]. Obrigada gente. [palmas]

[FINAL DA ENTREVISTA]